

TEMA LIVRE PARA O I ENCONTRO LATINOAMERICANO DE PSICANÁLISE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DA SBPSP

Espaço Potencial, criatividade e saúde mental – A propósito do filme *Vermelho como o céu*

Alba M. R. Sewaybricker Benito

O objetivo deste trabalho é partilhar com colegas psicanalistas a possibilidade de abordar aspectos da teoria e da clínica psicanalítica junto a educadores. Considero fundamental que estes diálogos surjam de um aspecto cultural ao qual todo o mundo tem acesso como o cinema, o teatro, a literatura ou as artes plásticas. Através destes recursos, podemos, portanto, promover debates sobre conceitos psicanalíticos úteis na prática educacional.

A título de ilustração desta proposta, vou me valer de um belo filme do diretor italiano Cristiano Bortoni: *Vermelho como o céu*. Neste filme, Mirco, um menino de 10 anos, sofre um acidente e perde a visão de maneira irreversível. Segundo as leis da época (década de 70) na Itália, ele não poderia mais estudar na mesma escola pública que freqüentava e passaria a estudar em uma escola para deficientes visuais, em regime de internato, distante de sua cidade natal, de seus amigos e de seus pais.

Além de toda a adaptação da família e da própria criança à nova realidade, o protagonista se defronta ainda com algumas idéias obsoletas sobre as possibilidades de desenvolvimento e de formação da identidade profissional destes alunos. Trata-se de uma escola religiosa, cujo diretor tirânico havia perdido a visão já na idade adulta e acreditava que todos os alunos deveriam se conformar com as próprias limitações e aceitar o “inevitável” destino de se tornarem telefonistas ou tecelões. A liberdade, a criatividade e a singularidade não teriam lugar naquele ambiente castrador não fosse a presença de um professor diferenciado, Don Giulio.

O encontro de Mirco com este professor, mais sensível e aberto às diferenças individuais de seus alunos, favoreceu o desenvolvimento de uma habilidade ligada ao seu particular interesse pelo cinema – a sonoplastia. Certamente, isto também se deveu aos novos vínculos que o menino estabelecera com outras crianças da escola e também com um adulto jovem cego que havia estudado nesta mesma instituição.

Superar o trauma de uma perda tão dolorosa foi um longo processo que se iniciou com a revolta, o isolamento e a negação. Num período seguinte, Mirco pôde se sentir acolhido também por alguns novos amigos, pelo seu professor Don Giulio e pelos pais que vinham visitá-lo com regularidade, dando-lhe mostras do quanto ainda era querido.

As novas descobertas lhe revelavam que não perdera tudo junto com a visão: os registros ficaram, as lembranças e a possibilidade de reproduzi-las no gravador “roubado” da sala dos professores. Utilizava cada vez mais os outros sentidos – agora mais aguçados – os percebendo vivos, assim como ele.

Mirco passou a reproduzir os sons que lhe remetiam às recordações e sensações já experimentadas: o barulho das folhas secas, do vento, da chuva, da neve, do andar de bicicleta, do correr etc. Gravou tudo, editou, construiu histórias, ouviu, falou, sentiu e, acima de tudo, brincou. Precisava construir sua própria história, elaborar, transformar e fez isto brincando, se relacionando.

A psicanálise, desde Freud, ocupou-se da importância do brincar na elaboração dos conflitos da criança, a partir do conhecido jogo do carretel como uma tentativa de lidar com a alternância presença-ausência da mãe. Melanie Klein desenvolveu a técnica psicanalítica calcada no brinquedo para tratar as crianças. E Winnicott escreveu seu último livro para falar da importância do brincar, da transicionalidade, do espaço potencial, do viver criativo e da experiência cultural.

Penso que algumas vivências deste menino e seu sensível professor são muito semelhantes ao que ocorre numa relação analítica. Por exemplo, quando Mirco se sentiu privado do gravador que “roubara”, adoeceu, se retraiu, se isolou. Don Giulio foi procurá-lo e, ao perceber que ele se escondia ali perto, iniciou uma “conversa” consigo mesmo, fingindo acreditar que o menino não estivesse por lá.

Mencionou o gravador que lhe trouxera de presente e a importância de Mirco voltar para as aulas e inclusive de se dispor a aprender *braille*. Ele jogou com o garoto no sentido que Winnicott nos mostra em seu livro *O Brincar e a Realidade*, usando o espaço potencial e a transicionalidade. Assim, Don Giulio conseguiu fazer contato, quebrar barreiras, oferecer algo que o menino realmente precisava para sair daquele estado. Neste livro Winnicott descreveu o brincar como universal e próprio da saúde: *“o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia; finalmente, a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros.”* Mais adiante, nesta mesma obra, Winnicott acrescenta: *“Há uma evolução direta dos fenômenos transicionais para o brincar, do brincar para o brincar compartilhado, e deste para as experiências culturais.”* (Winnicott, 1971, p 63 e p 76)

A possibilidade de olhar o diferente, o rebelde, o transgressor, o novo, depende de muita plasticidade, fruto do desenvolvimento emocional que, certamente, era o que faltava ao diretor da instituição. Preso ao seu ressentimento, tratava as crianças com a mesma amargura e falta de perspectiva que conduzia sua vida. Lembrando Winnicott novamente: *“É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self).”* E no final deste mesmo capítulo, o autor escreve: *“Experimentamos a vida na área dos fenômenos transicionais, no excitante entrelaçamento da subjetividade e da observação objetiva, e numa área intermediária entre a realidade interna do indivíduo e a realidade compartilhada do mundo externo aos indivíduos.”* (Winnicott, 1971, p 80 e p 93)

Acredito que este filme pode também ser contemplado como uma metáfora da falta de visão que algumas pessoas têm, e que apesar disto, ocupam (e se mantêm em) funções educacionais ou de poder. Mas isto justificaria um outro *paper*, muito mais árido, provavelmente.

Minha proposta junto aos educadores é também instigar o debate sobre a inclusão e não simplesmente acatar que esta seja determinada “por decreto”. Trata-se de um assunto sério, delicado e que requer um trabalho conjunto dos educadores, dos profissionais da saúde, da família e da comunidade. Este filme, entre outros, se presta também a este tema.

É interessante notar ainda que *Vermelho como o céu* é baseado numa história real, a de um grande sonoplasta que se acidentou aos 8 anos de idade e perdeu a visão – Mirco Mencacci. Ou seja, o “destino” não estava traçado, em termos profissionais, para todos os alunos daquela escola. Um ambiente mais favorável permitiu que o novo, o singular, surgisse e se desenvolvesse.

O filme culmina com a apresentação de final de ano para os pais. Estes deveriam ter seus olhos vendados para ouvirem e viverem a dramatização de uma história criada pelos alunos, partindo de um outro lugar – o do deficiente visual. Ocorre um resgate da esperança e da criatividade, aspectos essenciais da saúde mental.

Tenho buscado, em minha vida profissional, desenvolver algumas interfaces com a saúde e a educação. Acredito que a clínica psicanalítica nos oferece uma vasta e profunda vivência, que pode ser partilhada através de recursos que o próprio ambiente cultural nos oferece.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Winnicott, D. W. – O brincar e a realidade - Rio de Janeiro, Imago, 1975.

Phillips, A. – Winnicott – Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2006.

ALBA MARIA RODRIGUES SEWAYBRICKER BENITO

albabenido@uol.com.br

(19) 3207-3899

Psicanalista e orientadora profissional

Coordenadora de cursos promovidos pelo Espaço Psicanalítico de Campinas

Novembro de 2007